

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

# COLETÂNEA

VOL. III

## DE POEMAS E CONTOS



SELO CONEXÃO LITERATURA

**ORGANIZADOR**

**ADEMIR PASCALE**

**Copyright © por Autores**

**Projeto editorial por Ademir Pascale**

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos  
autores**

**Obra protegida por direitos autorais**

**Este e-book é parte integrante  
da Revista Conexão Literatura**

**ISBN: 978-65-01-94250-6**

**2026**

**Patrocínio:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

# SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

|                                                                                          |
|------------------------------------------------------------------------------------------|
| O VAZIO DO TER E O DESPERTAR DO SER, POR ALDEMIR B. OLIVEIRA-FILHO, PÁG. 05              |
| MATER DOLOROSA, POR ALEX MENDES DA SILVA, PÁG. 08                                        |
| ESCURO DA ALMA - AS VOZES DO CORAÇÃO, POR AMILTON CONTÉ, PÁG. 14                         |
| SENHORA PRAIA, POR CAINE C. SIERRA DE FARIA, PÁG. 18                                     |
| PASSADO VIVO, POR CAINE C. SIERRA DE FARIA, PÁG. 23                                      |
| A CHUVA, UMA TAÇA DE VINHO E UMA PÁGINA EM BRANCO, POR CAINE C. SIERRA DE FARIA, PÁG. 26 |
| PROFESSOR SUBSTITUTO, POR CARLOS MENDEZ, PÁG. 30                                         |
| A PONTE, POR CARLOS MENDEZ, PÁG. 34                                                      |
| A ESCOLHA DE NÃO ADIAR, POR DENISE BISSOLI, PÁG. 36                                      |
| A IDOSA, POR FERNANDO ORLANDELLI AMARAL, PÁG. 38                                         |
| SILÊNCIO, POR JOSÉ MURILO RAMALHO SANTOS, PÁG. 41                                        |
| O TEMPO, POR NADIR HELENA DE BASTOS, PÁG. 43                                             |
| O AMOR (PARA MINHA FILHA), POR NADIR HELENA DE BASTOS, PÁG. 45                           |
| CHUVA, POR NADIR HELENA DE BASTOS, PÁG. 47                                               |
| LUA CHEIA, POR NADIR HELENA DE BASTOS, PÁG. 49                                           |
| ALEGRIA, POR NADIR HELENA DE BASTOS, PÁG. 51                                             |
| NINA, POR PAULO LÜTKENHAUS, PÁG. 53                                                      |
| FLORESIA, POR REVANIL DIAS DA ROSA, PÁG. 55                                              |
| CONTÍNUA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 59                                                     |
| ENLEVO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 61                                                       |
| NÃO ME PEÇA PRA FICAR, POR SOL VÉRTICE, PÁG. 63                                          |
| MOLÉSTIA DOS CACHORROS, POR WLADIMIR LIMA, PÁG. 68                                       |
| CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 71                                               |

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

# **COLETÂNEA**

**DE POEMAS E CONTOS**

VOL. III

SELO CONEXÃO LITERATURA





A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

## ***O VAZIO DO TER E O DESPERTAR DO SER***

**POR ALDEMIR B. OLIVEIRA-FILHO**

**Aldemir B. Oliveira-Filho reside no município de Bragança, litoral da Amazônia. Ele é professor, espírita e desenvolve pesquisas e ações de cuidado, prevenção e promoção da saúde.**

Amil sempre acreditou que havia vencido na vida. Empresário respeitado, voz firme, decisões rápidas, gostava de repetir que tudo o que possuía era fruto de sua inteligência e esforço. Não devia nada a ninguém, era o que dizia, e não precisava de ninguém além de si mesmo. O orgulho lhe sustentava a postura, e o egoísmo, silencioso, guiava muitas de suas escolhas.

Ele via as pessoas como degraus ou obstáculos. Ajudar alguém só fazia sentido se houvesse retorno. Sentimentos, para ele, eram fraquezas. A ideia de vida espiritual lhe causava ironia; morte era apenas o fim, e o resto, ilusão criada por quem tem medo de encarar a realidade.

Essa certeza começou a ruir numa noite chuvosa, quando um acidente de carro o deixou entre a vida e a morte. Preso às ferragens, sentiu algo que nunca experimentara: pânico. Não o medo comum de perder bens ou status, mas o terror profundo de deixar de existir. Entre sirenes e vozes confusas, sua consciência mergulhou numa escuridão densa.

Não havia dor física, mas uma angústia sufocante. Amil sentia-se só, como nunca estivera. Pensamentos desordenados surgiam e, junto deles, cenas de sua própria vida. Viu-se humilhando funcionários, ignorando pedidos de ajuda, afastando pessoas que o amavam. Tentou se justificar, mas algo dentro dele já não aceitava as desculpas.

Nesse estado indefinido, percebeu uma presença serena. Não era uma figura visível, mas uma sensação de acolhimento que contrastava com seu desespero. Uma ideia clara formou-se em sua mente: “Você não é o que possui, mas o que construiu dentro de si”. A frase o perturbou profundamente.

Ao despertar no hospital, Amil estava vivo, mas diferente. O corpo se recuperava, porém, a alma permanecia inquieta. Passou a ter sonhos intensos, nos quais caminhava por lugares que pareciam salas de aprendizado. Em cada uma, revivia escolhas passadas, agora sentindo não só o que causara, mas também o que provocara nos outros. Essa empatia forçada era dolorosa e reveladora.

O medo voltou muitas vezes. Medo de morrer, medo de perder o controle, medo de encarar quem realmente era. A angústia o acompanhava nos momentos de silêncio, mostrando-lhe que sua vida externa bem-sucedida escondia um profundo vazio interior. Pela primeira vez, perguntou-se quem era além do cargo e do sobrenome.

Buscando respostas, aproximou-se de um pequeno grupo espírita, mais por curiosidade do que convicção. Ouviu, com resistência inicial, sobre a imortalidade do

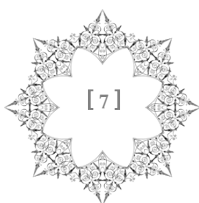
espírito, a lei de causa e efeito e a vida como escola. Aquilo o incomodava, pois transferia a responsabilidade de tudo o que sentia para si mesmo. Não havia mais como culpar o mundo.

Com o tempo, compreendeu que o sofrimento que experimentava não era castigo, mas instrumento educativo. O medo o obrigava a parar; a angústia, a refletir. Descobriu que o orgulho o isolava e que o egoísmo empobrecera suas relações. Reconhecer isso foi uma das tarefas mais difíceis de sua jornada.

Aos poucos, iniciou mudanças simples. Aprendeu a ouvir sem interromper, a pedir desculpas, a ajudar sem divulgar. Cada pequeno gesto de bem lhe trazia uma estranha paz, ainda desconhecida, mas real. Percebeu que fazer o bem não diminuía sua força; ao contrário, ampliava sua humanidade.

A ideia da imortalidade do espírito passou a fazer sentido não como teoria, mas como vivência. Se a vida continua, pensava, então cada experiência é oportunidade de crescimento. Não estava pronto, nem transformado por completo, mas agora sabia que o autoconhecimento era um processo contínuo, e o bem, um exercício diário.

Amil ainda sentia medo, ainda enfrentava angústias, mas já não fugia delas. Entendeu que são professores severos, porém honestos, no caminho da evolução. E, pela primeira vez, sentiu gratidão não pelo que tinha, mas pelo que estava aprendendo a ser.





A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

## ***MATER DOLOROSA***

**POR ALEX MENDES DA SILVA**

Alex Mendes é professor de Biologia da Educação Básica em Pernambuco, especialista no ensino de Biologia e tem um profundo amor pela literatura. A agitação da sua rotina docente encontra calmaria no processo de escrita.



TUM ... TUM ... TUM ...

— *POLÍCIA CÍVIL, QUAL A EMER...*

— ROUBARAM MINHA CRIANÇA, ELA ESTAVA AQUI AGORA A POUCO, PEGARAM E LEVARAM ELA.

A temporada de Inverno estava cada vez mais próxima de Garanhuns, suas noites são tão vivas quanto o dia e ao mesmo tempo tão frias que doíam os ossos. Amanda saiu às pressas para a porta de sua casa, de número 699, ela nunca gostou desse número, causava-lhe um mal presságio, talvez fosse um aviso do que iria acontecer, mas nunca comentou nada com Carlos. Decorou toda a casa para que ficasse aconchegante, colocou uma foto do casal com Roberta no Vale das Colinas, foi o primeiro lugar para onde a levaram desde o seu nascimento.

— Senhora, qual o seu nome? De onde está falando?

— Amanda Claine, Heliópolis, Garanhuns. Venham rápido

— *Estou finalizando o cadastro da ocorrência, um minuto por gentileza! Senhora Amanda, em que momento a senhora viu sua filha pela última vez?*

— QUE SE DANE O CADASTRO, vocês não estão prestando atenção do que estou falando? Minha filha sumiu e vocês tão se importando com essas coisas

— *Senhora, a viatura já está a caminho, precisamos do máximo de informações que lembrar, pois ajudarão a encontrar sua filha o mais rápido possível.*

— Fui correndo ao Bonanza comprar o leite que tinha acabado, é no fim da rua, mas quando voltei ela já tinha desaparecido. Deixei-a dormindo no bercinho.

Olhou rapidamente para os lados da casa, nada parecia fora do lugar, as pessoas continuavam a levar suas vidas normalmente como acontecia todos os dias, a mesmice encontrou lugar de descanso, via na esquina os corredores noturnos voltando cansados, estudantes que sempre andam em bandos, porém naquele momento, para ela as coisas já não tinham formas exatas, as pessoas já não eram tão importantes e singulares, estava à procura do que lhe foi roubado em seu próprio teto.

A viatura não tardou em chegar, a foto da filha quando nasceu foi a primeira a ser mostrada, seguida de uma foto tirada há dois dias da criança sentada no banco do Parque

Euclides. Os policiais se entreolharam ao vê-las, já teriam recebido alguma ocorrência? Partiram em direção ao local de trabalho de Carlos.

Talvez devesse ter esperado seu marido chegar do trabalho, talvez se tivesse levado sua filha consigo, mas aquela noite estava serenando, não é bom para crianças, já tinha feito compras enquanto sua bebê dormia, nunca teve problemas - pensou. Às 20h do mesmo dia, sexta, ligou para a terapeuta, cujos encontros eram sempre aos sábados pela manhã, chorou até sentir-se cansada, queria acolhimento, a respiração ofegante e a voz embargada representavam o seu caos mental, suas mãos tremiam, seu pensamento nunca fora tão acelerado.

Amanda sempre soube que queria ser mãe, aos 12 anos lembra que via na tevê os comerciais de bonecas com cheiros de frutas, sempre com um rostinho feliz, contentavam-se com as mais simples que ganhava dos pais, cujo material não voltava ao formato original se o apertasse com muita força. Sentia vergonha no ensino médio quando a perguntavam o que ela queria ser. Ser mãe não parecia uma das opções possíveis, para ela, dizer que seria mãe significava que os outros a veriam como alguém sem desejos, desprovida de grandes pretensões, passaria a vida dependendo de uma pessoa que lhe dê sustento. Mas qual o demérito de ser mãe? - questionava-se regularmente.

Batiam às 22h quando Carlos chegou em casa, já sabia de tudo, conversara com a terapeuta logo após sua esposa ter desligado e com os policiais. A presença do esposo renovou em Amanda a angústia pelo desaparecimento de sua filha.

— CARLOS, por que você não me atendeu? Liguei mil vezes para a porcaria do seu celular.

Ela sabia que seu marido a mantinha sã, sempre valorizou sua personalidade racional, conseguia acalmá-la, o desespero para ele, era incompatível para resolver as situações.

— Calma, amor. Você sabe das restrições da empresa. Juliana me contou o que aconteceu, saí correndo pra cá.

— Que se dane a empresa, Carlos. Não fico tão nervosa desde o dia do acidente com a Roberta e agora ela sumiu. Foi tão difícil para a gente se recuperar e agora acontece isso em tão pouco tempo, sem contar que nossa vi...

Alguém ligava por chamada de vídeo no Whatsapp no celular do seu esposo. Era sua mãe, ligava possivelmente para acalmá-la, embora não tivesse um bom relacionamento com a filha, jamais a desamparava. Amanda pegou ligeiramente o celular e foi em direção ao quarto conversar, se prendia a qualquer oportunidade de contar o que aconteceu, na esperança que isso ajudasse a trazer sua filha de volta.

Amanda costumava ser extremamente vaidosa, mas depois do acidente se dedicou exclusivamente para a filha, converteu sua vaidade em cuidado, seu papel agora era de protetora. Nada é mais dilacerante para uma mãe do que a perda do seu filho, ainda que seja momentânea, não se tem a certeza se o verá novamente. A sensação de que deveria ter feito diferente, uma escolha trivial levou à situação mais torturante da maternidade que carregam ao longo da vida: *não saber onde seu filho está*. Em uma sociedade em que seus valores são liquefeitos e efêmeros, onde qualquer conduta é posta em questionamento, onde não há mais essência nas coisas em si, mas a relativização de tudo, a mente de Amanda abria espaços para todas as possibilidades, pois o que era visto como desumanizado outrora, hoje já é visto como algo humano e possível. *A bondade é escassa e a maldade predominante*.

Na manhã seguinte, acordou quando a neblina ainda tomava as ruas, sua cabeça pesava, além dos comprimidos habituais foi persuadida a tomar um para adormecer sob a promessa que seu marido permaneceria acordado durante toda a noite caso surgisse alguma notícia. Assistia Carlos receber muitas ligações, mas nada de útil surgia dali, também não ouvia, acreditava que seu marido não queria preocupá-la, esperava o pior, mas a fagulha de esperança ainda se mantinha viva. Durante a sessão de terapia, Juliana já a deixou de sobreaviso da conversa que viria a ter com seu esposo.

Amanda passou o dia inteiro no quarto da filha, o ambiente tinha o seu perfume doce, passou os olhos na pequena mochila recém-comprada, esperava colocar Roberta em uma escola montessoriana da cidade, já ouviu ótimos comentários. A luminária do quarto se mantinha acesa, foi personalizada com a foto da filha no dia em que deu seus primeiros passos, estava com um vestido branco e azul, o cabelo castanho-claro levemente ondulado igual ao do pai.

TOC ... TOC ... TOC ...

Carlos entrou vagorosamente, sentou-se na cama junto à esposa e após um longo período em silêncio, soltou:

— Amor, hm... precisamos falar daquele dia...

— HAM? Sério? Você sabe que eu não gosto de falar do acidente e logo agora, você quer que eu fique doente outra vez?

— Amanda, você precisa parar com isso, estamos ficando doentes, precisamos seguir!

— Você está reclamando por que eu estou preocupado com o desaparecimento da NOSSA FILHA?

— Amanda, nossa filha está em um lugar muito melhor, nos vendo lá de cima!

Antes que pudesse esboçar qualquer reação, Carlos prosseguiu olhando para o berço da filha:

— Roberta faleceu no acidente, nossa menininha não conseguiu resistir, amor. Ela era linda, tudo que imaginávamos quando nos casamos, mas Deus queria ela ao lado dele.

Carlos não bebia, mas aqueles dias o fizeram recorrer ao que sempre abominou, o álcool.

— Achamos que se encontrássemos um bebê parecido com ela iria suprir um pouco nossa saudade, ela tinha as feições e o cabelo da nossa filha, mas não era ela. Era artificial, era sintético...

Mesmo após a negação repetidas vezes da esposa, continuou.

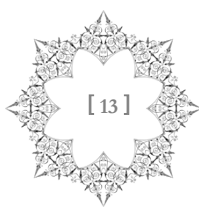
— Mas com o tempo você começou a ouvir ela chorar, pedir comida, trocar suas roupas, colocá-la para dormir, ficava gravando vídeos com ela, mas nada disso acontecia, amor. Nossos familiares têm cada vez mais certeza que ficamos com graves sequelas do acidente.

De alguma maneira, o cérebro de Amanda ignorava os comentários que faziam a esse respeito antes que fossem conscientes, parecia uma espécie de filtro que o isolava da realidade dura, mas a mantinha em um mundo agradável, imperfeito, porém seguro, um admirável mundo novo pós-acidente. Já desnorteada e anestesiada pegou a notícia que Carlos lhe entregou e em letras garrafais leu:



**GRAVE ACIDENTE NA BR-423 CEIFA VIDA DE CRIANÇA E DEIXA PAIS GRAVEMENTE FERIDOS**

*Roberta Claine, de 1 ano, estava na companhia dos seus pais que trafegavam na BR-423, rumo à cidade de Garanhuns. O choque com um caminhão que trafegava irregularmente destruiu a parte traseira do veículo do casal, local onde se encontrava a criança. Os pais, naturais de Garanhuns, foram levados ao Hospital IMIP em estado grave...*





A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

# **ESCURO DA ALMA AS VOZES DO CORAÇÃO**

**POR AMILTON CONTÉ**

Nasceu em Bissau, capital de Guiné-Bissau. Passou a sua infância em África e imigrou para Portugal em 1999, em busca de melhores condições de vida. Vive há 14 anos no Luxemburgo.

Desde sempre escreveu como forma de ocupar o seu tempo livre. Começou a escrever aos 18 anos, mas encontrou uma grande dificuldade para editar os seus livros, o que só foi possível quando já tinha 40 anos.

2022; As Mágoas que magoam

2023; 50 Vidas Silêncio das almas perdidas

2024; Eu o poeta

2024; Antologia (Contos e histórias daqui e do além )

2025; Amor Sublimado dum poeta Antologia

2025; Minha história para o mundo

2025; Mistérios contos e poemas vol. III

2025; Cartografia dos afetos amor é um acto político.

Homenagens

2022; Gala de Homenagem II edição No sta djunto

2025; O Prémio Literário Internacional Suisse Excellence

2025; Homenagem por mérito O Prémio Afro events Luxemburgo

Vou-vos contar a minha história, mas não fiquem tristes, nem com pena de mim, senão vou chorar.

Se o meu anjo do céu me levasse hoje, não ficaria chateada e aceitaria com honra e dignidade, sem lamentar de cabeça erguida, sem questionar o porquê.

São muitos porquês e porquês? Que ainda hoje questiono...

Por que me deixou vir ao mundo?

Por que não me levou ainda criança?

Por que me deu uma filha?

Por que ainda hoje estou a respirar?

Por que não me tirou desse sofrimento?

Passei uma infância a desejar, nasci em Dakar, capital do Senegal que fica no berço da humanidade em África no dia 20/08/1981. Lá passei a minha melancólica e sofrida infância. Os sintomas eram inchaços, formigueiro e câimbras nos pés, que me impediam de pisar no chão, de andar e de ir à escola.

Nem vou falar porque cada prenúncio traz essas imensas lágrimas que não consigo expressar, explicar ou exprimir. São dores e dores que já não suportava mais, quantas vezes não morri, quantas vezes não perdi a consciência, quantas vezes não desmaiei sem me lembrar do sucedido. O cérebro reagindo à dor, viajando entre mundos sem que me aperceba a qual dos mundos pertença. Supliquei à morte um pacto, mas ela não quis, olhando as tristezas na face dos meus, da minha querida mãe, que os deuses a tenham aí em bom cuidado até eu lá chegar, ela que abdicou de tudo para cuidar da minha saúde, ela que até gado vendeu para comprar os medicamentos, ela que só lhe restava a roupa do corpo por causa dos medicamentos, ela quem saldou as dívidas para que eu pudesse viajar para Lisboa.

Meu Pai, todos nascemos dum pai, o meu nem sei, mas sei que mudei a sua vida com a minha doença.

Minha filha, o meu anjo, o impossível que virou possível, eu não podia engravidar, o meu coração já mal conseguia oxigenar o meu corpo, imaginem acrescentar a gravidez. Os médicos chamaram-me de louca, que era impossível, eu digo que é milagre. Deus a enviou para cuidar de mim, só pode ser, nasceu prematura entre as complicações e desmaios, cada queda e o som das ambulâncias com o coração no pára-arranca. Cada vez que me abriam o corpo, pensava que era dessa a minha partida, que seria a última,

mas não, ainda volto a vida com a mesma alegria exterior e a melancolia entre os muros, lagrimando em silêncio no escuro da alma. Onde lembro o som e a força dos eletrochoques, reiniciando o coração e abrindo a circulação do sangue nas artérias e veias.

Ai meu Deus, que sofrimento, que penitência, que angústia e purgatório, são medicamentos e medicamentos que nem sei quantos são diariamente, dias após dias, entre 15 e 20 comprimidos, até parece exagero ou coisas de filme de ficção científica, mas é a minha realidade. Por ser verdade, quase morri por intoxicação medicamentosa, tive uma complicação anormal, quando deram conta da gravidade do meu estado, eu estava a sofrer de intoxicação dos medicamentos. Tive de passar por uma limpeza e drenagem. O meu suor tinha o prenúncio e cheiro dos medicamentos. Esses medicamentos que correm nas veias e artérias, diluindo o sangue e facilitando o trabalho do coração. Tudo isso podia ser resolvido com uma pequena cirurgia de transplante do coração, mas eu não consto na lista dos pacientes à espera de transplante por uma única e simples razão, não vou ser a mesma com um corpo que não é meu, prefiro aceitar a minha realidade e morrer como vim ao mundo.

Acho que só estou a cumprir o meu propósito, cuidar da minha filha e ela de mim, vocês nem imaginam o que é sentar e apagar por um minuto, o coração para de bater por um minuto, sem me avisar. Entre esses dois mundos onde o tempo é relativo como diz o Albert Einstein. Entre os mundos o tempo não passa, onde não sei quem eu sou ou quem eu hei de ser, essa é a minha história para o mundo.

Cheguei à Europa graças à generosidade dum padre de origem italiana, um missionário divino que usava batina como fato e pão como refeição em nome da igreja. Correu um risco enorme em querer ajudar-me, não havia vaga nesse dia, a lotação estava esgotada, mas ele pressentia que seria o meu fim se eu perdesse esse voo, arriscou tudo, levou-me ao aeroporto à espera que alguém desistisse da viagem, assim Deus acudiu o seu missionário, fomos os últimos a embarcar no avião, cheguei em Lisboa já quase em coma, sendo que o pior estava para vir, o meu estado de saúde e o estado do meu país não liberou a junta médica, quem iria arcar com os custos da cirurgia?

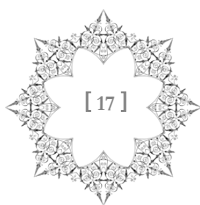
Os médicos juraram não deixarem morrer os pacientes, nesse dia esse juramento falou, assim assumiram as consequências em operar uma paciente sem condições financeiras. Gratidão aos médicos.

A recuperação foi mais uma etapa difícil na minha vida, depois de sair do hospital, fui levada ao bairro de nome “fim do mundo”, só o nome já diz tudo. Distante do olhar do mundo, barracas improvisadas pelos imigrantes, sem saneamento básico apropriado ao meu estado de saúde, achei que me levavam para a morgue à espera de cremação. Sobrevivi mais uma vez sem saber como. Porque só uma simples constipação ou uma pneumonia podia parar o meu coração de vez, sem falar em contaminação... Comecei a acreditar que Deus tinha um propósito para mim, sim, foi quando apaixonei, sim fiquei apaixonada pelo pai da minha filha, até aqui não falei em amor, nem paixão, porque não tive oportunidade de saborear essa delícia.

Tudo começou numa simples amizade que o transformou em grande amor da minha vida, amei perdidamente naquela idade adulta, amei sem pensar nas consequências, amei porque senti essa liberdade de amar. Mas tudo o que é bom não dura para sempre, já lá vão muitos anos que deixei de amar para viver o amor da minha filha.

Fecho essa página da minha vida com gratidão, estou grata a todos que me ajudaram, desde os primeiros passos até me formar mulher, estou agradecida às pessoas que estão lá em cada acordar ou em cada desmaio, estou emocionada por viver até hoje, por poder festejar os 18 anos da minha filha querida.

Hoje não receio a morte, sinto-me preparada para uma nova etapa da minha vida.







A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

## ***SENHORA PRAIA***

**POR CAINE C. SIERRA DE FARIA**

Caine é uma entusiasta da literatura que encontrou nos livros sua maior fonte de inspiração. Movida pelo sonho antigo de ser escritora, iniciou recentemente sua jornada na produção de textos, transformando o hábito da leitura em um exercício de criação. Estes contos marcam seus primeiros passos oficiais no universo literário, onde busca dar voz às suas ideias e consolidar sua caminhada como autora iniciante.



Não chegara ao meio da manhã e sol já estava alto. Com uma energia invejável, queimava a superfície e atingia de maneira impetuosa até mesmo os cantos que pareciam inalcançáveis.

O mar, por ser parceiro no quesito belezas naturais, aproveitava cada feixe de luz e pintava reflexos como quem dança um balé em uma apresentação. Cada movimento era realizado com firmeza contraditória à simultânea delicadeza.

As ondas, de tão ousadas, refletiam cores a depender apenas da direção tomada pelos olhares que miram. Sua agitação era enfeitada com véus brancos, prateados, verdes metálicos, azuis, e, em alguns momentos, com o manto incoerente de puro breu. Para definir em poucas palavras o espetáculo: o mar tinha cor de cauda de sereia.

O céu era de brigadeiro e usava gaivotas planando suavemente como brincos. Planando tão alto que apenas seus gritos à lá pessoas desesperadas se sobressaíam ao som das ondas batendo nas pedras no fim da praia. Conversas em sussurros eram impossíveis de serem ouvidas em respeito ao barulho das ondas quebrando na deriva litorânea.

Rastros de passos pesados podiam ser vistos de longe. Com certa frequência aparecia uma marca riscada no chão bem ao lado deles.

Um jovem, em uma caminhada aflita até para os mais desavisados, trazia sua prancha de surfe com certa dificuldade debaixo de seu braço direito. O modelo da prancha não se tem como saber ao certo. Nem mesmo o jovem parecia ter esse conhecimento. Mas o caminhar desengonçado estava longe de passar despercebido.

E vinha ele enfiando os seus pés na areia como de tivesse o triplo de seu peso. Altura mediana, bermuda amarela, cabelos compridos cor de café amarrados em rabo baixo, visual que o vento por puro entretenimento quase se esforçava para bagunçar.

A prancha branca parecia mais uma gangorra, mas ao contrário do que pode ser encontrado em parquinhos, nem o rapaz e muito menos a prancha pareciam achar divertida aquela condição. Eram muitas cabeçadas e raspadas no decorrer do caminho.

O braço do jovem batalhava para aguentar tudo aquilo. Sua pele úmida não ajudava. O braço a cada escorregada se estendia ansiando por alcançar mais alguns centímetros.

Por motivos que jamais saberemos, o rapaz percorreu por quase toda a praia ao lado das ondas, e não se dirigia em linha reta, mas andava como um bêbado voltando a pé para a casa no fim da noite, e, em certos pontos, o mar chegava a conseguir apagar

alguns de seus passos. A deambulação transparecia a busca incessante pelo equilíbrio no decorrer da batalha.

Não dava para afirmar que era uma praia verdadeiramente longa. Tinha cerca de um quilômetro e meio, mas com certeza percorrer metade dessa distância em pé de guerra com uma prancha não me parece uma boa escolha. De toda e qualquer forma, o fim da praia sempre chega mesmo para quem decide engatinhar. E quando o rapaz se deparou com o pé do morro, decidiu, por fim, entrar na água.

Adentrou até a cintura, com sua prancha boiando em sua volta, quase livre, não fosse pela corda amarrada em seu tornozelo. De costas dadas à praia, olhava para o horizonte infinito feito pelo céu encontrando o mar por um longo período, até que um som completamente diferente do padrão que então se apresentava chamou sua atenção.

Ao olhar para trás visualizou uma mulher entrando no mar e vindo em sua direção. Ou seria uma senhora? — pensou.

Cabelos longos, grossos, grisalhos. Era uma senhora. Uma senhora com o ar de menina e de alma sábia. Uma bela combinação de corpo e biquini para alguém daquela idade. Pele de quem vive de sal e sol, mas não no sentido de quem foi judiada pelo clima, mas de quem carrega uma cor dourada dentro de si, e nos faz desejar que o passar dos anos tenha por nós a mesma piedade.

A senhora alcançou o jovem, empurrou a prancha para o lado oposto, e com a palma das mãos tocando levemente a superfície da água, começou também a contemplar o horizonte. Após deixar o jovem constrangido com o silêncio de um minuto, disse:

— Bonita a sensação de infinito, não é? Não sei se quando olho dessa forma pensa em nada ou em tantas coisas que é impossível focar em uma só.

O jovem mirou tímido para a senhora e soltou um não sorriso. Aquela coisa amarela. Uma simples repuxada em um dos cantos da boca. A senhora retribuiu o olhar, e sem alguma dificuldade abriu logo um sorriso!

— Nos meus dias mais difíceis eu gosto de contemplar o horizonte. Assim eu me lembro das inúmeras possibilidades que minha mente é capaz de criar. Depois de um tempo acabo perguntando para mim mesma: com tantas cenas e situações criadas aqui dentro, por que você não inventa motivos para buscar situações que te tragam paz?

Dessa vez o rapaz, sem timidez nem sorrisos disfarçados, olhou a senhora com um olhar mais profundo, semicerrado, formando duas rugas entre as sobrancelhas.

Sua indignação foi tirada de cena pela prancha branca. Sim, a prancha ainda por ali boiava, e, naquela altura do campeonato, já havia conquistado novos lugares e marcado algumas cinturas.

— Você não vai surfar?

— Eu comecei agora.

— Não sei se entendi — disse a senhora com uma brisa de dúvida no rosto.

O jovem riu gostoso de sua própria estupidez e explicou:

— Não...eu me empolguei. Queria muito surfar. Comprei uma prancha, fiz duas aulas, mas não posso dizer que estou perto do sucesso. Mal consigo ficar agachado quando pego uma ondinha qualquer.

— Hum... — resmungou pensativa a senhora — Já parou para pensar na diferença entre se empolgar e realmente querer?

— Bom, se me empolguei foi por realmente querer, não é? — respondeu o menino banhado de certeza.

— Comigo não funciona exatamente dessa forma. Às vezes tenho a sensação de que quero algo, e na empolgação eu tento fazer algo, mas logo desisto. Acho que a palavra “desistir” nem deveria entrar na jogada nesses casos. Acho que desistir é para quem realmente quer...

Após alguns segundos tentando organizar melhor suas ideias, a senhora continua sua pequena palestra:

— Veja, no auge das minhas longas primaveras completadas, o que de fato ficou na minha vida foram as coisas, situações, pessoas, conquistas, tudo o que eu realmente queria. Quando se quer algo se quer algo por inteiro. O que significa acolher inclusive as dificuldades. Inclusive não, especialmente as dificuldades, eu diria. Acolher apenas o sucesso não é querer, é se empolgar e mergulhar na ilusão.

— Não tenho condições de “acolher” o fato de eu não conseguir surfar — interrompeu na defensiva o rapaz.

— Não conseguir surfar em duas aulas não significa ser incapaz de surfar, mas sim perder a empolgação diante das dificuldades do processo. Bom, é bem obvio que sabe nadar, certo?

— Certo.

— E lembra se nadou na segunda vez que entrou na água?

— Eu era bem pequeno quando fiz aula de natação. Mas acho que não. Primeiro alguém entrou comigo e me segurava. Usava boias. Fazia exercícios. Fui mergulhando, tirei as boias, a beirada da piscina parecia ser minha melhor amiga durante as aulas. Essa presepada toda aí...até que um dia eu estava nadando.

— Eu com certeza posso afirmar que você realmente queria nadar, mas já não tenho tanta certeza quanto ao surfe. Diga-me rapaz, você quer surfar?

Fez-se um grande silêncio. Estava óbvio que o rapaz não queria mais reflexões e nem papos. E na ânsia de sair daquela situação e voltar a ficar só com suas frustrações, ou pelo menos apenas com a prancha, logo mudou de assunto:

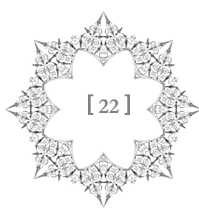
— Com todo respeito, o que faz aqui? Nesse canto da praia não tem quase nada, apenas ondas, pedras, areia... não tem gente, não tem quiosque, não tem guarda sol...e, pelo jeito, não veio surfar...

— Venho para esse canto pois é quase impossível ajudar a si mesmo e ao mesmo tempo uma multidão.

Após um forte suspiro, dava para ouvir o pensamento do menino de longe: “era só o que me faltava viu. Será que essa pessoa não pode simplesmente sair daqui e me deixar em paz?”. Decidiu então ficar calado e se voltar novamente para o horizonte, fingindo contemplação.

— Sei que as marcas na areia te incomodam. Mas saiba que nessa época do ano a maré sobe durante a noite. Não se preocupe, o mar apagará essas pegadas. Amanhã você pode voltar e fazer novas impressões — disse a senhora, despedindo-se. A areia e sua canga a esperavam calmamente para seus vinte minutos de sol diário.

Quanto ao jovem. Esse ficou pouco tempo em seu encantamento descontente e logo tomou seu rumo de volta. Resolveu voltar andando com os pés dentro d'água, a ideia de nem criar pegadas o agradou. Ela ainda não havia definido se voltaria no dia seguinte ou não.





A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

## **PASSADO VIVO**

**POR CAINE C. SIERRA DE FARIA**

Caine é uma entusiasta da literatura que encontrou nos livros sua maior fonte de inspiração. Movida pelo sonho antigo de ser escritora, iniciou recentemente sua jornada na produção de textos, transformando o hábito da leitura em um exercício de criação. Estes contos marcam seus primeiros passos oficiais no universo literário, onde busca dar voz às suas ideias e consolidar sua caminhada como autora iniciante.



Faço por bem ou por mal voltar ao passado? Pois bem lembro dos tempos dos rios correntes, sem preocupações com cobras e serpentes, pés descalços a desbravar o mato.

Tempos em que os cuidados da responsabilidade me atingiam desde pequeno, evitando surras desconhecidas que para os heróis nada mais eram a não ser estabelecer claros limites às artes infantis.

Às segundas-feiras, cabeça descoberta, bocas travadas em um quase constrangedor silêncio, como em imitação à bandeira hasteada cantava-se os hinos Nacional e da Bandeira de braços estendidos ao longo do corpo, e entre as incontáveis repetições de movimentos coordenados, polichinelos e flexões: comment allez-vous?

Je vais bien! Bem, ignorando o cômico trauma do aguado e icônico leite em pó. Ao menos o "bolachão" de maisena se mostrava amigo ajudante.

Nos fins de semana as manhãs tinham cheiro de café, cujo aroma se harmonizava com a fumaça de cigarro, belas dançando à música da datilográfica.

As doenças doíam e atrapalhavam, mas carregavam consigo apetitosas maçãs, doces e guloseimas, algo que nem sempre a saúde te entregava.

Aos domingos o famoso macarrão na mesa cheia de parentes. O refrigerante se mostrava em pesadas garrafas de vidro denso.

E quem ligava para o tempo? O tempo segue seu próprio curso e nos leva às brincadeiras dançantes, onde as vitrolas trabalhavam incessantemente, sem tirar seus olhos dos discos e lanches que garantiam a diversão fugitiva do toque de recolher.

Caminhadas sem pressa na praça central, salvaguarda dos melhores flertes, tornando o footing demasiadamente satisfatório.

O que falar dos deliciosos Bailes, Festas de Peão, que se dissiparam no meu tempo tão furtivamente?

Faço por bem ou por mal me lembrar de que saí de casa? Enfrentando temores e terrores, a uma distância próxima daqueles que se tornaram semideuses conselheiros. Das minhas aventuras, sempre junto de meu crescimento, surgiram parcerias, outras diversões, um outro mundo, que longe de excluir angústias, era curiosamente capaz de carregar as mais saborosas realizações.

Nasceram, inclusive, filhos, e, com eles, pais, avós e tios.

Eu cresci, cresci, e subi um pouco mais. Alcancei lugares e vivi em cenários dos quais meu imaginário se mostrou inábil de imaginar.

O tempo passou, e com ele variadas músicas, novelas, contos e biografias.

Aquela que antes era sinônimo de fortaleza, de mais encantadora resolução e beleza, com primaveras graciosas, hoje se tornou frágil pote de 85 invernos, ou seriam outonos? Cuido com nova ansiedade pavorosa.

Já minha pessoa, que conquistava o dia com fúria mansa, não pedia licença ao destino. Senhor de minhas rotas. Dobrei os mares a minha vontade e fiz da terra firme um mero detalhe sob seus pés.

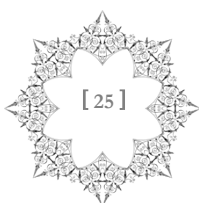
Deixei o mundo quieto sem o barulho de minha coragem, descansando no mapa do que foi um dia.

O silêncio ficou no lugar que antes era preenchido por um estrondo. Lugar por mim desconhecido, minha ausência grita, fazendo ecoar o meu passado.

Os espelhos me perguntam: “Onde você estava que não viu o tempo passar? Onde ficou no decorrer dos anos?

O passado se foi. O futuro chegou... ou ainda é presente?

A voz interna sábia instantaneamente me responde: eu vivo.





A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

# ***A CHUVA, UMA TAÇA DE VINHO E UMA PÁGINA EM BRANCO***

**POR CAINE C. SIERRA DE FARIA**

Caine é uma entusiasta da literatura que encontrou nos livros sua maior fonte de inspiração. Movida pelo sonho antigo de ser escritora, iniciou recentemente sua jornada na produção de textos, transformando o hábito da leitura em um exercício de criação. Estes contos marcam seus primeiros passos oficiais no universo literário, onde busca dar voz às suas ideias e consolidar sua caminhada como autora iniciante.

Justo no domingo, dia em que poderia dormir até mais tarde e aproveitar aquela preguiça na cama, acordo antes do horário comum marcado em meu despertador. O barulho da chuva me dá forças para mudar meu corpo de posição, acomodando-me da melhor maneira possível, visando conseguir um cochilo. Mas ele não vem. Minha cabeça parece não querer descansar.

Para que brigar com isso, não é? Melhor saltar da cama e viver logo este dia. Saio da cama e com uma rapidez que até estranho, coloco minha poderosa armadura para essa batalha: uma camiseta velha e um short sem elástico.

Ao sair do quarto, deparo-me com garrafas de vinho, de água com gás, latas de cerveja, todas vazias. Coloco uma a uma dentro do saco pensando que fiz muito bem em lavar toda a louça ontem. Que bom se todos os amigos fossem como os meus. A única coisa que realmente faltou fazer após o jantar de ontem foi recolher os vestígios das bebidas. A dona da casa agradece. Pouco a pouco tudo some, fecho os sacos de lixo e os coloco em seus devidos lugares.

Enquanto passo meu precioso café coado, guardo a louça e vou criando coragem para ler a mensagem dele. Boa mensagem não pode ser. Ele diminuiu o contato de uma forma quase imperceptível, com doçura, mas, por fim, chegou à ausência que eu tanto temia. Já eu, com minha crônica dificuldade em aceitar o que já sei, fiz a besteira de perguntar ontem, com meu jeitinho “doce” de ser, o que havia acontecido.

Chega de enrolar. Sirvo-me uma xícara de café - melhor dizendo: meia caneca de café - sento-me na área observando a chuva e finalmente ouço o áudio encaminhado em resposta às minhas perguntas e agruras.

A chuva me traz paz. Mansa, calma, caindo sem pressa, no seu tempo refrescando os dias extremamente quentes que essa cidade tem vivido, atinge-me como um verdadeiro conforto. Uma paz triste, mas ainda assim, uma paz.

Não sou surpreendida. Ele se cansou da minha sombra. Grande parte de mim gera incômodo a ele, e a luz, neste caso – e em mais de um caso – não brilhou o suficiente para acabar com a escuridão. Agora me resta aceitar, conviver e buscar viver.

Levanto-me, coloco o celular de lado e vou atrás da outra metade da caneca. Com o café em mãos, volto a me sentar em silêncio contemplando o quintal. Tento domar minha mente para o que vem em seguida. Eu não consigo, a primeira lágrima escorre, a segunda não tarda. O choro vem com uma intensidade de quem está desesperado por atenção.

Deixo as coisas como estão por um momento, deixo meu corpo, minha mente e minha alma chorarem. Mas em algum momento isso tem que parar. Afinal, meu café pode esfriar se eu não o tomar logo.

Incrível como em alguns momentos várias lembranças e pensamentos inundam a nossa mente. Tudo bem embaralhado, como se o meu universo fosse jogado em um grande pote que, depois de ser chacoalhado, cai no chão e deixa tudo esparramado, inclusive seus próprios cacos. Será que esse pote sou eu?

Não apenas uma vez chegou a mim que quando a mente se encontra em tal estado é bom escrever. Escrever ajuda a organizar os pensamentos e, conseqüentemente, tornar a resolução de suas questões mais fácil. E não apenas uma vez me aconselharam a escrever - Esparramou? Escreva. Escrever o quê? Apenas escreva.

É isso! Vou apenas escrever. Decidido.

Primeiro eu termino esse café. Depois coloco uma roupa decente. Sim! Vou me arrumar ligeiramente, colocar dessa vez a armadura de quem vive. Arrumo o cabelo, preparo um lanche e sento-me para “apenas escrever”. Tudo programado.

Incrível como cumpri o prometido em apenas trinta minutos. Estou sentadinha em um canto que gosto e pronta para minha nova jornada. Estou cheia de ideias e pensamentos na cabeça. Agora eu escrevo!

Como se a frustração me pegasse de surpresa, penso tão alto que algum vizinho com certeza ouviu: “na verdade, agora não escrevo”. Há quinze minutos fico olhando alternadamente para a chuva e para computador. “Apenas escrever” deveria ser mais simples. Talvez uma taça de vinho ajude. Mas são dez horas da manhã. Mas é domingo, e está chovendo. E é só uma taça. Nem bebi ontem no jantar. Vou pegar uma taça de vinho e ignorar o horário.

Com um olhar cirúrgico defino sobre a uva: malbec, merlot ou cabernet sauvignon? Muito cedo, sem contar a falta de espírito comemorativo, para um malbec. Malbec não. Preciso de mais ajuda que um merlot pode me oferecer. Não para o merlot. Certo, vou seguir a sugestão de um programa de TV: na dúvida, abra um cabernet.

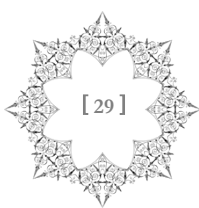
Feito. E com a esperança de quem está prestes a conquistar o mundo, olho com os olhos semicerrados para o computador, dou passos firmes em sua direção. Sentada, taça de vinho a postos. Sem desculpas, agora vou apenas escrever.

Enfrentando um certo vazio e falta de criatividade, pergunto a mim mesma, dessa vez com a voz em sussurros: por onde começo?

Sempre que ouço essa pergunta a resposta vem a galope, digo melhor, numa velocidade instantânea, clássica e obrigatória: começa do começo.

Mas dessa vez, devo confessar que, sem menosprezar a importância do começo, não quero escrever sobre ele. Talvez eu nem saiba onde, quando e como tudo começou. Prefiro me arriscar no que comecei a perceber.

Longe de anunciar com certeza o que estou afirmando, vou fingir convicção e escrever a partir do momento em que tudo começou, mas começou a terminar. O que pode dar errado? Tenho a chuva, uma taça de vinho e uma página em branco.







A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

## ***PROFESSOR SUBSTITUTO***

**POR CARLOS MENDEZ**

Carlos Mendez nasceu em 7 de dezembro de 1976, em São Luís do Maranhão. É licenciado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Atua como professor na rede pública e privada de ensino. Apaixonado pela literatura, dedica-se à leitura e à escrita como forma de aprendizagem contínua e desenvolvimento profissional. Atualmente, busca consolidar sua trajetória autoral, ampliando sua produção literária. Participa da COLETÂNIA DE POEMAS E CONTOS-Vol. III como parte desse processo formativo. Almeja fortalecer sua atuação no meio cultural e literário.

No dia da entrega do trabalho, um aluno, por decorrência de algo que até então me era desconhecido, deixou escapar um ar de aflição ao dizer que não tinha condições de entregar seu belo trabalho naquele dia.

— Perguntei o porquê.

— Ele respondeu: primeiramente, vejo que nosso tempo é curto. Já, já será a hora da saída. Caso tenha um tempinho, poderei narrar o que aconteceu de verdade.

— Verdade?

— Sim, de verdade — respondeu o aluno.

— Seja breve em sua verdade. Diga o que aconteceu de tão importante para que não pudesse entregar o trabalho.

— Tudo bem. Serei o mais breve possível.

Então, comecei a desenvolver o belo trabalho. Fui fazendo-o com maestria: desenhei e redesenhei a cadeia alimentar. Para cada parte da pirâmide, fiz os desenhos com precisão e procurei ler em voz alta, buscando melhor memorização. O jogo de cores, aplicado com exatidão, ia tomando forma sobre o papel já impresso. Tornava-se uma obra-prima, um verdadeiro espetáculo. Tudo parecia encaminhar-se para o fim. Mas eu queria mais. Continuei. As misturas de cores eram tão vivas que a pirâmide parecia real.

Os grupos alimentares dividiam-se de forma clara, relacionando cada um à sua unidade: grupo um, cereais, pães e tubérculos; grupo dois, hortaliças; grupo três, frutas e sucos; e assim por diante, até o oitavo grupo. Porém, o que mais me chamou a atenção foi o número cinco.

— Por que o cinco?

— Nobre professor, acalme-se. Temos pouco tempo.

— Estou calmo. Apresse-se, por favor!

Então, é nesse grupo que estão contidos alimentos como peixe, frango, carne e ovos. Como sabemos, ele ocupa a parte intermediária da pirâmide e representa a fonte de proteína de origem animal, rica em ferro e vitaminas B6 e B12, prevenindo até uma possível anemia. Isso reforça os cuidados que devemos ter com a saúde.

— Verdade — confirmou o professor.

— Meu querido mestre, peço que não me interrompa, por favor!

— Prossiga. O tempo está correndo.

Professor, eu estava mais empolgado do que nunca. Por isso, não apenas desenhei, como também exemplifiquei, dando forma e conteúdo. Trouxe as carnes em sua suculência e maciez, aparentando algo que poderia derreter na boca de qualquer animal que as observasse. Imaginei essa proteína envolta em sabores de ervas finas, misturadas ao sal belo e majestoso, coroado pelo alho em suas capas aveludadas. Criava-se, assim, um sabor imaginário que preenchia o que faltava àquele grupo tão necessário.

De repente, irrompeu o grito de alerta da campainha, ecoando como um alarme que anunciava a saída dos alunos. Ambos se entreolharam por um instante. Um aguardava o desfecho do relato; o outro, a liberação da turma. Num piscar de olhos, todos saíram em disparada, despedindo-se em uníssono:

— Até segunda-feira!

O professor olhou ao redor, tentando se situar. Achou estranho estar sozinho, exausto e tomado por uma fome intensa. Apressou-se em organizar suas coisas para ir embora quando, de repente, ouviu uma voz:

— Bom dia! Como foi sua aula?

— Ah! Foi tranquila. Bom dia, coordenadora!

Mas havia certa inquietação em sua voz, o que fez a coordenadora perguntar:

— Foi mesmo tranquila?

— Sim... mas tenho uma dúvida.

— Sobre o quê?

— Um aluno que não trouxe o trabalho final. Fiquei aguardando ele contar o que havia acontecido.

— Ele contou?

— Sim.

— Qual foi o motivo?

— Não deu tempo. Ele foi embora. A campainha tocou e todos saíram muito rápido. Acredito, inclusive, que ele tenha sido o primeiro a sair.

— Entendo. Professor...

— Sim?

— Peço que, a partir de segunda-feira, fique em casa. É necessário que descanse. Vejo seu cansaço e as dormidas ao final das aulas. Teremos um substituto. Fique tranquilo, cuide da saúde e da alimentação. Na próxima semana será período de recuperação dos alunos. Aproveite bem.

— Tudo bem. Acho que estou precisando mesmo. Muito obrigado!

— Mais uma coisa, professor.

— Sim, coordenadora.

— Digo-lhe de forma confidencial: seu antecessor estava com muitos problemas de saúde. Já delirava. Pobre homem! Acredite ou não, antes de sair de férias ele afirmou que o cachorro havia comido o trabalho de um aluno... por se tratar da cura de uma anemia. Já se viu isso?

Quando a coordenadora se afastou pelo corredor, o professor permaneceu alguns segundos imóvel, como se o corpo tivesse esquecido o próximo movimento. A sala, agora vazia, parecia maior e mais silenciosa. Sentiu o estômago contrair-se, uma fome insistente, quase didática, como se lhe cobrasse atenção.

Recolheu seus materiais lentamente. Ao apagar a luz, seus olhos demoraram-se no quadro ainda marcado pela pirâmide alimentar. As linhas, as cores e os grupos pareciam excessivamente nítidos. Por um instante, teve a sensação de que o desenho ainda estava sendo elaborado — como se alguém, invisível, continuasse a preencher o espaço.

No corredor, seus pensamentos misturavam-se: o aluno, o trabalho inacabado, a cadeia alimentar, a proteína que previne a anemia. Tudo se sobrepunha com estranha coerência. A cabeça pesava, não pelo excesso, mas pela falta — de descanso, de pausas, de silêncio.

Ao aproximar-se da saída, o cheiro vindo da cantina tornou-se intenso demais: carne, alho, sal, ervas. O aroma parecia atravessar não apenas o estômago, mas também a mente, despertando imagens vívidas, quase pedagógicas. Sentiu-se subitamente cansado, como se estivesse explicando algo há tempo demais.

Parou. Respirou fundo. Convenceu-se de que precisava apenas comer e dormir. Afinal, pensou, a fome confunde, o cansaço distorce, e a mente — quando exausta — também aprende a criar substituições.

Seguiu em frente, sem saber ao certo se era o corpo que pedia alimento ou se era o pensamento que já começava a se alimentar de si mesmo.







A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

## ***A PONTE*** **POR CARLOS MENDEZ**

Carlos Mendez nasceu em 7 de dezembro de 1976, em São Luís do Maranhão. É licenciado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Atua como professor na rede pública e privada de ensino. Apaixonado pela literatura, dedica-se à leitura e à escrita como forma de aprendizagem contínua e desenvolvimento profissional. Atualmente, busca consolidar sua trajetória autoral, ampliando sua produção literária. Participa da COLETÂNIA DE POEMAS E CONTOS - Vol. III como parte desse processo formativo. Almeja fortalecer sua atuação no meio cultural e literário.

Há ligação por vários lados  
O medo do inesperado.  
Um, dois, três elos, talvez...  
A cada parte, uma rigidez.

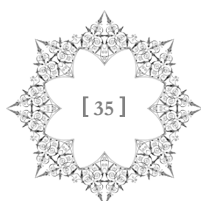
Nas nuances da vida  
Há sempre distância fingida,  
Para os aflitos, a pressa em querer chegar...  
Esquecem que o primeiro momento, é tentar atravessar.

Aproxima e distancia, a qualquer parte, arrelia.  
De algo que, ainda, não se via...  
Grita! Sou estrada estaiada, sou à linha, sou ligação...  
Nas águas turbulentas, agonia, esperança e gratidão.

Nos momentos frios, solitários e de aflição.  
Que vão se apresentando a vida em cada cena...  
De dor, angústia e pressão.  
É solidificada e restaurada pela safena

O agradecimento faz-se em relato.  
Que a cita assim:  
Suspensas, veias, madeira e aço, dando início, meio e fim...

Mas todas gerando uma função.  
Ah! É ligar,  
Conclui em deixar sua breve narração:  
Enquanto existir elo, serei a ponte, e não a ilusão.







A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

## ***A ESCOLHA DE NÃO ADIAR*** **POR DENISE BISSOLI**

Denise Bissoli nasceu em BH e reside no ES. Estudou Letras, é profundamente ligada às artes em suas diversas expressões. Se lançou na literatura e publicou, independente: Contos, Crônicas e Confusões, Trinta Crônicas Divertidas e Frases que Tocam.

Eu fui ali ser feliz quando compreendi que a vida não espera.

A felicidade não é miragem, nem troféu no fim de uma corrida.

Ela se esconde nas pausas, nas delicadezas que quase passam despercebidas.

Mora no riso que escapa sem querer, no abraço que acolhe, no aroma do café pela manhã, no pôr do sol que devolve esperança ao céu.

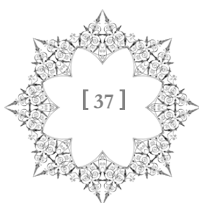
Revela-se no silêncio que acalma, na coragem de recomeçar, na leveza de deixar o que já não faz sentido.

Ser feliz é uma escolha. E eu decidi não adiar, não ficar parada esperando sinais.

Vou colher cada instante, abraçar o que chega, e soltar o que precisa partir.

E se alguém perguntar por mim, responda sem tristeza: ela foi ser feliz.

E dessa viagem, não pretende regressar.





A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

## ***A IDOSA***

**POR FERNANDO ORLANDELLI AMARAL**

Fernando Orlandelli Amaral é professor de filosofia e um observador atento das nuances humanas e sociais. Em sua produção literária, transita entre a poesia contemplativa e a prosa de tom crítico e satírico. Autor de obras como "Anacronismo" e o conto "O Político", utiliza sua base filosófica para explorar o impacto da era digital na identidade contemporânea. Sua escrita é marcada pelo questionamento da temporalidade e pela desconstrução de figuras messiânicas na política. Com um estilo que preza pela honestidade intelectual, Fernando busca dar voz às reflexões que muitas vezes se silenciam no cotidiano.



Refletindo sobre minha insignificante existência, sinto que minha autobiografia não autorizada está completa. Tenho 40 anos, sou um fumante inveterado, alcoólico social e trabalhador — não pelo clichê de que “o trabalho dignifica o homem”, mas por pura necessidade. Formado em Letras e com o antigo sonho de ser escritor, troquei o desejo de criar mundos pelo ato de vender barato meus conhecimentos em uma escola pública. Com duas filhas e uma esposa, o cotidiano seguia inalterado entre um gole e outro.

No entanto, um inesperado encontro transformou a monotonia dos dias em uma reflexão crítica sobre a vida, a esperança e a fé. Confesso que não possuo religiosidade: sou um materialista, descrente de qualquer força maior. Mas o encontro com uma idosa em seu leito de morte levou-me a pensar sobre tais coisas, mesmo que não tenha abalado minha crença na descrença.

Ao visitar um colega em um hospital, entrei em um quarto por engano. Lá estava uma senhora de 94 anos, a quem o câncer carcomia. Parecia abandonada por familiares e amigos; ao lado da cama, repousavam apenas um crucifixo e um terço de madrepérola. Ela me viu e disse: — Fred, meu netinho querido, veio ver a vovó? — Não me chamo Fred, senhora. Entrei em seu quarto por engano — respondi. — Tome um café! Me faça companhia, querido netinho — insistiu ela. — Não sou o seu neto e peço desculpas por incomodá-la. — Não tem café? — perguntou ela, com o olhar vago.

Não querendo insistir no esclarecimento, sentei-me perto dela. Ela então me disse: “O silêncio é ouro e a palavra é prata”. Naquele momento, entendi: ela sabia que eu não era o Fred. A velhinha estava lúcida, apesar das dores.

Contou-me, com dificuldade, que o câncer na garganta a impedia de falar direito. Seu nome era Luzia. Estava hospitalizada há duas semanas, mas nutria a esperança de sair em breve. Pensei comigo que, sem tratamento, ela sairia de lá apenas falecida. Resolvi calar. Na sabedoria dos antigos, ela estava “desenganada”. Refletindo sobre o termo, percebi que passamos a vida inteira enganados para, só no instante final, nos desenganarmos.

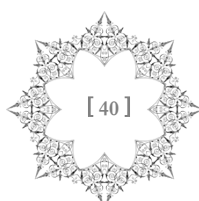
Passei a visitá-la com frequência. Quando tinha tempo entre as aulas, eu descansava ali, fazendo-lhe companhia. Certo dia, ela me pediu o crucifixo. Entreguei-o e perguntei: — A senhora ainda reza? Por quê? Não se sente abandonada por Deus nesse estado? — Deus sabe o que faz. Estou melhor com Ele — respondeu, convicta.

A fé daquela senhora era inabalável. Como não refletir sobre aquilo? Uma mulher que passou a vida em missas e orações ainda mantinha amor por Aquele que agora a

deixava definhar em sofrimento. Com o agravamento da enfermidade, os familiares finalmente apareceram. Olhavam para ela e choravam; ela mantinha o mesmo semblante sereno. Ao contrário dos filhos, Luzia entendia, em sua fé, que não era o fim que se aproximava, mas o início de uma vida eterna.

Seus filhos rezavam para que ela não sofresse — embora fossem eles que sofriam ao vê-la. Outros pediam que entes já falecidos viessem buscá-la. Eu ficava imaginando o sentido daquela provação. Os dias passaram até que recebi a notícia de sua morte. No hospital, todos em prantos, com terços à mão, pediam por sua alma. Não havia mais dor, e parecia que a alma que habitava o pós-morte viera levá-la. Mesmo assim, os familiares não pareciam satisfeitos.

Em uma de nossas conversas, Luzia me disse: “Faça para mim em vida, pois não adianta me levar flores depois que eu morrer; eu não estarei lá”. Depois de seu funeral, acendi um cigarro, tomei um porre.





A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

## **SILÊNCIO**

**POR JOSÉ MURILO RAMALHO SANTOS**

Murilo é atualmente estudante do curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande, no Centro de Formação de Professores (UFCG/CFP). Através da graduação, pôde entrar em contato com a literatura de uma maneira mais intensa e criar gosto por explorar outros universos únicos inventados pela mente humana.



Havia marcado horário para o dentista. No dia, estava acompanhado de uma dor de cabeça, forte e insistente. Fui assim mesmo – não queria remarcar. Ao chegar, sentei-me na sala de espera, em silêncio, observando a rua pela porta de vidro. Percebia o brilho do dia diminuindo pouco a pouco. Quando fui chamado, deitei-me naquela cadeira e o procedimento estava prestes a começar. Precisei avisar que gostaria de anestesia. O medicamento não parecia ter tido efeito. Aquela dor era horrível. A dor no dente. A dor na cabeça. A luz fixa em meu rosto acentuando tudo. Um corpo imóvel e incapaz de sair do lugar. Uma lágrima escorreu. Senti vergonha. Ao final, tentei manter um sorriso singelo em minha feição para falar com o dentista. Tenho certeza de que a expressão em meus olhos não era agradável, entretanto.

Ao sair da clínica, o relógio marcava um pouco mais de cinco da tarde. Caminhava lentamente rumo à minha casa, que não ficava longe. Vi algumas pessoas sentadas na calçada de suas casas, conversando. Outras caminhando para algum lugar. Os garis fazendo seu trabalho. Adolescentes voltando da escola, alguns sozinhos, outros em grupos. O fluxo das coisas seguia normalmente. Eu não sentia nada, ou talvez sentisse uma calma, mas não uma calma normal. A dor de cabeça me acompanhava, mas a expressão em meu rosto não mudava. Parecia não reconhecer estímulo algum. A nenhuma energia eu me agarrava. Comecei a observar aquela cor na paisagem, aquele azul, frio, aconchegante, como se fizesse parte de mim. Caminhava atento ao som do vento nas minhas orelhas enquanto o meu corpo em movimento cortava o ar. Eu não queria chegar em casa. Não havia ninguém me esperando. E se tivesse, não seria ninguém interessante. Queria continuar caminhando, sem parar, sem saber para onde ir. Quando me aproximava do destino, sentia-me murchar.

Cheguei. Deitei-me no escuro, sem trocar de roupa. O teto sobre meu olhar. A pulsação em minha cabeça. Um corpo imóvel e incapaz de sair do lugar. Mais um dia prestes a terminar, e outro a começar.





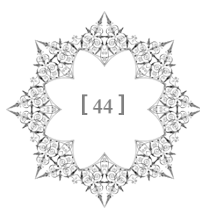
A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

## ***O TEMPO***

**POR NADIR HELENA DE BASTOS**

Nadir Helena de Bastos nasceu em Florianópolis, Santa Catarina, a 22 de março de 1957. É formada em Letras-Português e Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Obteve duas medalhas de melhor rendimento acadêmico e honra ao mérito na graduação. Escreveu “Sendo Mãe Solteira”, publicado pela UFSC, em 1989, e “A Casa das Alamandas Amarelas”, pela Papa-Livro, em 1997. É imortal na Academia São José de Letras e integra a Associação dos Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses.

O tempo passa  
Vou envelhecendo rapidamente  
Mal posso segurar as mãos do tempo  
E no vento vou caminhando  
Mal posso entender o que foi e o que virá  
Tempo passa  
Vou indo  
Na passarela do tempo vou seguindo...





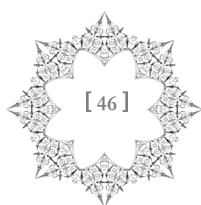


A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

**O AMOR**  
**(PARA MINHA FILHA)**  
**POR NADIR HELENA DE BASTOS**

Nadir Helena de Bastos nasceu em Florianópolis, Santa Catarina, a 22 de março de 1957. É formada em Letras-Português e Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Obteve duas medalhas de melhor rendimento acadêmico e honra ao mérito na graduação. Escreveu “Sendo Mãe Solteira”, publicado pela UFSC, em 1989, e “A Casa das Alamandas Amarelas”, pela Papa-Livro, em 1997. É imortal na Academia São José de Letras e integra a Associação dos Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses.

O amor é como a primavera  
Jamais fenece  
O amor é a eternidade da vida  
Dura, dura...  
Sempre volta  
É o minuto duradouro  
Esplendor da vida  
É a lua  
É a maior coisa da vida  
A beleza que dura







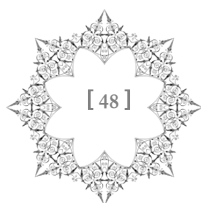
A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

## ***CHUVA***

**POR NADIR HELENA DE BASTOS**

Nadir Helena de Bastos nasceu em Florianópolis, Santa Catarina, a 22 de março de 1957. É formada em Letras-Português e Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Obteve duas medalhas de melhor rendimento acadêmico e honra ao mérito na graduação. Escreveu “Sendo Mãe Solteira”, publicado pela UFSC, em 1989, e “A Casa das Alamandas Amarelas”, pela Papa-Livro, em 1997. É imortal na Academia São José de Letras e integra a Associação dos Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses.

Chuva que cai  
Dia de nuvens  
Outubro que veio  
Tempestade  
Andar não posso  
Mas escrever consigo  
Amanhã o sol brilhará





A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

## ***LUA CHEIA***

**POR NADIR HELENA DE BASTOS**

Nadir Helena de Bastos nasceu em Florianópolis, Santa Catarina, a 22 de março de 1957. É formada em Letras-Português e Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Obteve duas medalhas de melhor rendimento acadêmico e honra ao mérito na graduação. Escreveu “Sendo Mãe Solteira”, publicado pela UFSC, em 1989, e “A Casa das Alamandas Amarelas”, pela Papa-Livro, em 1997. É imortal na Academia São José de Letras e integra a Associação dos Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses.

Lua cheia de Outono

Lua de Páscoa

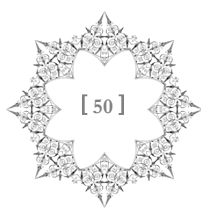
Começo de frio

Lua de Outono

Lua de solidão

Prenúncio de melancolia

Sexta-feira da paixão







A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

## ***ALEGRIA***

**POR NADIR HELENA DE BASTOS**

Nadir Helena de Bastos nasceu em Florianópolis, Santa Catarina, a 22 de março de 1957. É formada em Letras-Português e Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Obteve duas medalhas de melhor rendimento acadêmico e honra ao mérito na graduação. Escreveu “Sendo Mãe Solteira”, publicado pela UFSC, em 1989, e “A Casa das Alamandas Amarelas”, pela Papa-Livro, em 1997. É imortal na Academia São José de Letras e integra a Associação dos Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses.



Alegria da paz

Alegria da vida

Alegria para sempre

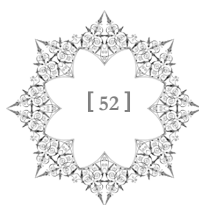
Alegria somente

Resolução dos problemas

Ninguém mais sofrendo

No futuro apenas alegria

Na vida apenas benção de paz





A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

## ***NINA***

**POR PAULO LÜTKENHAUS**

Paulo Lütkenhaus nasceu em Belo Horizonte. É mestre em Educação Profissional e Tecnológica. Guitarrista, fundou a banda de Heavy Metal “Sharp Blade”, em 1998. No ano de 2004, editou o fanzine Rasgando o Verbo. Em 2018 e 2022, obteve o 1º lugar nos concursos de poesia promovidos pelo Instituto Federal de Minas Gerais. É escritor e autor do livro de contos sobrenaturais “Tesouros do Além” (Caravana Grupo Editorial), publicado em março de 2025. Participou das coletâneas, Homens das Letras, Camposiar 2, Histórias para ler e morrer de medo vol. 9 e outras.

Tão pequenina,  
Mas tão “elétrica”,  
Assim é a Nina,  
Menina sapeca.

Mestiça de Chihuahua,  
4 quilos caninos,  
Uma longa cauda,  
Paixão quando a vimos.

Pelos clarinhos,  
Focinho curtinho,  
Dentinhos afiados,  
Diversos bigodinhos.  
Tão grandes seus olhinhos,  
Ouvidos aguçados.

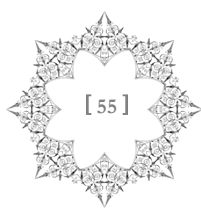
Latido estridente  
Quando ouve gente  
No corredor do prédio.  
Carinhosa e dependente,  
Dengosa, muito aprende,  
Espanta o nosso tédio.

Quando chegamos do trabalho,  
Corre pelo sofá com velocidade,  
E eu, alto gargalho,  
Não há o que se compare.

De manhãzinha, então,  
Espreguiça-se, como uma pessoa faz,  
Abre um tremendo bocão,  
Alonga a pata para trás.

Nina é a vida pulsante,  
Amor puro e cativante,  
Amizade verdadeira e leal.  
Ela faz com que eu me encante,  
Corra, brinque, me levante,  
Interaja com esse au-au.

Obrigado por colorir  
Nossa vida, nosso existir  
Com sua essência tão bela.  
Que demore o seu partir!  
Vamos brincar, sorrir,  
Nossa canina aquarela.







A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

## ***FLORESIA***

**POR REVANIL DIAS DA ROSA**

O autor é pesquisador independente e estudioso do pensamento judaico clássico, com especial interesse na Cabala, espiritualidade hassídica e no diálogo entre a tradição de Israel e os caminhos espirituais universais, como o despertar da consciência de Krishna, tema do seu próximo livro. É autor de *A fé simples*, a *mística breslovita* e *os Bnei Noach*, e *À sombra das glicínias*. Em ambos, sua pesquisa sobre conceitos cabalísticos aparece como um mapa sensível da alma humana, entrelaçada ao tempo, à memória, à fragilidade e à beleza silenciosa do cotidiano.



Bosco Camargo, escritor, resolve rever o lugar em que passou a infância.

A bordo de seu fusca bege, ano 1977, carinhosamente apelidado de “Pepe”, vai pela poeirenta estrada de chão batido e perdida na mata, atravessando valetas e poças de lama formadas pelas últimas chuvas.

Não fosse o ruído característico do motor, teria ouvido o canto de um feliz tucano nos arbustos deixados para trás.

Revê os caminhos que percorria diariamente a pé até a escola, sempre sozinho e ri, observando que depois de anos, passa pelas mesmas estradas ainda sozinho.

Bom, ao menos estou de carro, agora, diz e se rompe em risos. E ainda tenho a mim. Pensa, enquanto olha pelo retrovisor.

Creio que, de certa forma, não estou sozinho. Aprendi a ser a minha melhor companhia. Até me levo para passear.

É aqui.

Bosco desce do fusca e olha. Mato alto, árvores de troncos grossos, estrada ruim como era na época.

O silêncio, o vento, o estalar da vegetação seca a cada passo.

Hum! Lá está a casa.

Havia um sol que entrava na cozinha, um cheiro de café e um prazer verde ao olhar para o quintal.

Bem-te-vis comendo arroz no muro, serelepes a roer pêssegos, sabiás laranjeiras, galinhas cacarejando e entediando nosso cachorro.

O jardim fazia o seu ciclo: crescia a grama, o cedrinho, as flores envelheciam e nasciam outras.

Os amigos se respeitavam, trocavam mudas de flores, tomavam café, jogavam dominó e, às vezes, tocavam violão.

Um disco vinil “cravo de Henry Purcell” cintilava nosso lar enquanto eu lavava as louças do almoço.

Na curva que levava ao lago, havia uma fonte que falhava sua queda d’água quando alguém se aproximava. Assombrada? Quem saberia dizer?

Aqueles campos, perspectiva de tantos outros, era um convite a um passeio em dias em que o vento vinha nos trazer frio e chuva.

Tudo ali era um sonho. Sabíamos disso.

Hoje não passa de um devaneio a permear nossas lembranças e percebo que aprendemos a ser felizes.

Embora caiam as folhas das castanheiras e se desintegram junto à terra, tal como as nossas vidas, ambas renascem. Uma em novas plantas, outra em reminiscências.

Ah, casa antiga, velho quintal, recôndita estrada. Estou novamente diante de vocês. Vim lhes dizer que ainda os guardo nos olhos da alma.

Quantos formigueiros minhas mãos desvendaram, quantos arranhões nos braços, cortes nas pernas, os cabelos emaranhados de areia e um cheiro horrível de uma aranha esmagada nas costas.

As cavernas ocultas dos cedros, o meu laboratório secreto de remédios vencidos embaixo da cama, o hospital de bonecas. Onde foi que deixei o sonho de ser médico?

Hoje, meus olhos que permeiam este jardim estão atônitos. Para onde foi o meu mundo?

E o uivo do vento nas copas das árvores, rompendo o silêncio responde: Está aí dentro de você. Você é o resultado de tudo o que aqui viveu. Os caminhos ainda se delineiam a cada passo que você dá, as flores estão na esperança que ainda colore sua vida. Aqui você deu início à percepção da unidade.

Bosco grita ao vento: Nasci aqui, neste mato e foi aqui que aprendi a me perder de amor, predestinado a viver intensamente como um índio urbano, um eremita na sociedade.

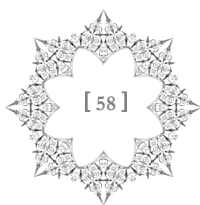
Recordo as longas e solitárias caminhadas e nessas andanças diárias, aprendi a conviver comigo. Somente quando estamos caminhando a sós podemos nos conscientizar do que realmente somos e precisamos: Harmonia.

Somente quando estamos a sós podemos escutar a voz do nada ensinando a existência a crescer e ser tudo.

A noite costuma chegar mais cedo. É hora de ir embora.

Nada mais resta por aqui além do farfalhar preguiçoso do riacho e do suave arrastar de chinelos invisíveis pela casa, noite adentro, porque mesmo abandonado, este lugar parece ainda mais doce do que o céu para aqueles que aqui permanecem em paz.

De volta ao velho e ruidoso Pepe, sacolejando pela estrada, desaparecem à medida em que a noite se enrola em seu manto e sorrateiramente observa os incautos perdidos em sua escuridão.





A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

## ***CONTÍNUA***

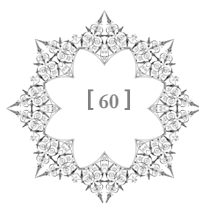
**POR SELLMA LUANNY**

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Talvez pelas estações  
talvez pelo mistério à frente  
a fustigar curiosidade  
a ser saciada...  
talvez ambos...  
e talvez muito mais  
a condicionarem o ir.

E as trocas de nomes,  
fronteiras e genes  
na passagem das eras.  
Novos entrelaçamentos  
e misturas... e separações.  
E a andança e intermináveis  
disputas não mais pararam.

E manchas do nobre líquido  
que só doação deveria ser  
e honra e desonra  
submissão e poder  
os peões desta imparável  
humanidade,  
ainda marcam e confundem.





A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

***ENLEVO***  
**POR SELLMA LUANNY**

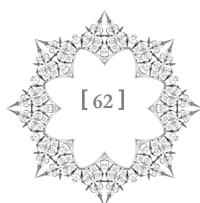
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Naquela fase, quando tudo  
vislumbrado podia ser...  
o horizonte, o céu... e as estrelas  
na abóbada a desfilaram...  
parecia fácil o caminho a escolher.  
Ou talvez fosse pura ignorância?  
- não se permitir contemplar  
mas absorver apenas?

Nesta fase, quando da vida  
cada segundo conta  
e a passarem apressados os dias  
difícil enxergar a si.  
Sem o leque à frente agarra-se  
a mínima chance e soltar não mais.

No acelerar dos dias  
parece não se ter minuto a perder.  
E para trás, evita-se virar.  
Passado é o tempo  
e a facilidade do momento.  
Perdeu-se o contemplar...  
e conhecer... e se encantar.  
A esvair da vida, o enlevo...  
A recuperar... para pleno ser!





A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

## ***NÃO ME PEÇA PRA FICAR*** **POR SOL VÉRTICE**

Sol Vértice é um autor da Bahia, apaixonado pela arte. Escreve desde a pré-adolescência sobre existências pequenas, seus deslocamentos e sobre o tempo. Sua escrita se insere no campo da literatura contemporânea brasileira, com atenção ao cotidiano, à subjetividade e às relações humanas.

A poeira subia desordenada à medida que mais caixas eram abertas e empurradas e abertas e fechadas e descobertas e choque atrás de choque que na verdade eram nostalgias embrulhadas e esquecidas.

ressuscitando em uma vida morta e cheia de mudez, fui passando pelas mãos as fotos miúdas e desgastadas com a minha assinatura atrás de todas elas.

tudo começou quando decidi que precisava arrumar a casa, daquelas faxinas bem pesadas — uma casa suja e bagunçada por algum motivo pega muito mal para a sua imagem.

comecei pelo começo do começo, da cozinha — que muita gente (eu pelo menos) sempre deixava por último. lavei louça, as águas pingaram, sumiram, se esqueceram, foi o tempo em que eu varri e passei pano e depois guardei tudo.

Trofeuzinho corria pelos meus pés naquela faxina inesperada e eu tentava fazer os dois, limpar e brincar com o cão que tanto me era afeto todos os dias.

ainda na cozinha fui olhar as dispensas quase vazias, um saco grande de ração pro Trofeuzinho que logo enchi no pote e ele ficou distraído comendo, tirei comida estragada da geladeira e fui jogando tudo fora dentro do saco de lixo que me acompanhava nas mãos.

limpar a casa limpa a sua imagem — para vivos, para mortos, para espíritos e para todo mundo.

fui pra sala, pegando portas-retratos com fotos suas e jogando fora com moldura, lembranças e tudo.

senti que era hora de alguma música daquelas que nos dançam mais e levam a gente pela casa e nem vemos a hora de dançar junto com as melodias. eu tinha decidido fazer no silêncio, porém me percebi como uma pessoa movida a zoadas. aos sons, aos ruídos, aos latidos — mas até Trofeuzinho estava calado.

arrastei sofá, passei paninho meio molhado e meio seco — assim como eu — em cima de todos os móveis. varri e deixei tudo bonitinho.

olhei pra baixo e vi delicadinho trofeuzinho deitado me vigiando, querendo dormir mas tentando acordar — como muitos de nós.

lembro de um dia ter lido em algum lugar que os animais sentem quando algo vai acontecer e eu queria poder dizer a ele que vai ficar tudo bem — e eu posso até dizer, mas seria mais do que impossível que ele me entendesse.

dizer que vai ficar tudo bem não é o mesmo que falar senta, levanta, deita ou rola. é muito diferente, na verdade, até pra gente humano. todo mundo dá ordens desse tipo mas pouca gente te diz vai ficar tudo bem quando te vê chorando ou quando te vê com raiva ou sentindo qualquer coisa.

sussurrei, porém, mais para mim mesmo do que para ele

*vai ficar tudo bem, trofeuzinho*

e ele deu aquela choramíngada que mais parece um miado.

varri, passei pano, fui pro outro cômodo.

no dia que adotei o cachorro trofeuzinho — me sinto cometendo um crime chamando ele de cachorro porque ele é humano demais pra esse nome que as pessoas xingam homens — ele estava fazendo aquele som fofo na porta de casa. e eu, uma pessoa movida a sons, imediatamente tornei-me uma pessoa movida aos sons de trofeuzinho.

eu tinha acabado de chegar em casa de uma feira de artesanatos cujo segundo lugar da competição tinha sido ocupado por mim.

ganhei uma medalhinha tradicional daquelas que um monte de gente tem, mas queria um troféu daqueles que pesam, aquelas estatuetas que causam uau bem grande.

então trofeuzinho foi o meu.

as poucas pessoas que eu conhecia quando o viam era uau, que coisa mais linda.

então eu vencia.

voltando à faxina:

o saco de lixo já estava lotado até um pouco antes da boca — e olha que era daqueles grandões porque eu já imaginava o tanto de coisa que ia embora. pelo menos eu já estava na metade da casa.

o saco na verdade enchia mais porque vez ou outra eu encontrava alguma coisa que me lembrava de você, e soava quase como um pedido.

pra ficar, pra deixar bagunçado, pra arrumar, não sei. mas parecia um pedido.

e eu não queria — eu não quero — que me peça.

nada.

já não bastasse o seu nome tatuado na minha mão que agora eu vejo enquanto analiso as memórias.

amarrei e deixei encostadinho o lixo que ia para o lixo.

engraçado como tudo que dá certo e fica amarradinho parece o sinal de que você está fazendo o certo e não importa o quão cético você seja continuará sendo um sinal.

depois de muito limpar, fui para o meu quartinho onde estou passando papéis e lembranças nas mãos gastas e cansadas do corpo que moro alugado.

tudo pra mim significava tão pouco. os momentos sorrisos e tristezas, raivas, sol e chuva. tudo sempre havia sido tão pouco.

e tudo continua sendo pouco até ser visitado telepaticamente, não sei se é essa a palavra, mas na memória. quando visitamos os tempos bons sem saber que não eram bons e os ruins sem saber que não eram ruins — eram apenas momentos.

hoje, por exemplo, arrumando a casa — não significava que era ruim ou bom, apesar de para algumas pessoas ser excelente — limpar a casa é sempre um sinal de boa organização.

mas momentos pra mim sempre me eram apenas momentos.

um dia com um amigo especial, por exemplo, pode ser considerado muito bom, até a amizade acabar por algum motivo e nos lembrarmos dos detalhes que as pessoas consideram negativos.

todos os momentos são momentos.

quando me dei conta tinham se passado horas de mergulho em tampinhas de garrafas de bebidas boas, em fotos antigas reveladas.

e uma carta no final.

sua.

deixei a casa de lado porque encontrei minhas recordações mais simples e agora tinha você e seu nome tatuado em minha mão que eu ainda tinha que enfrentar.

eu tinha mais medo, na verdade, de você pedir o que eu tanto queria que você não pedisse.

então, antes de eu abrir, por favor não peça.

porque tenho grande fraqueza contra mim mesmo e eu te deixaria ficar só pelo temor do que vem a seguir.

abri o papel dobrado em cinco vezes — o número da liberdade — como você fazia. por favor, não me peça pra ficar.

*ontem eu estava largado no corredor do hospital antes de me abrirem  
escancarado e verem o que nem eu sei de mim e me peguei pensando em*



*você. não na situação, mas só em você, existindo em algum lugar que ainda  
 não ali onde eu estava, dizendo palavras honestas e sendo o que sempre  
 quis ser. nunca quis pedir pra ficar, mas nos quarenta e cinco do segundo  
 tempo o coração vai acelerando, vai doendo, a mudança começa a bater na  
 porta e a falta de você me faz pensar se devo mesmo pedir. eu quero muito  
 ficar. sei da sua alma movida a sons e por isso fiz tanto silêncio no calado do  
 canto, você saberia que era um pedido. suas memórias são apenas  
 memórias, mas as minhas não — eu gosto de definir tudo, muito, a todo o  
 tempo. mas vou levar o que você me ensinou, momentos são só momentos.  
 não vou te pedir pra eu ficar. nós agora moramos na vértice onde todas as  
 coisas se encontram e podemos simplesmente ser. separados, mas sendo.  
 não desista do pouquinho que vai ficar de mim, sendo bom ou ruim. é a única  
 coisa que pedirei, te juro.*

você dobrou o papel cinco vezes e agora eu fiz o mesmo. dobrei, cinco vezes, em  
 comemoração à liberdade.

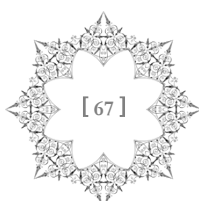
que sejamos tudo. sem pedir pra ficar.

não terminei de limpar a casa e decidi que manteria desse jeito. trofeuzinho tinha  
 comida o suficiente, nada sujo pra por na boca espalhado pela casa — bastava fechar a  
 porta do quarto.

dei uma última olhada macia no afeto.

não me peça pra eu ficar.

deixei-me ir.





A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

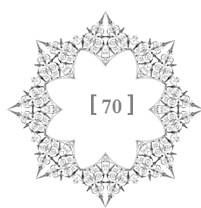
# ***MOLÉSTIA DOS CACHORROS***

**POR WLADYMR LIMA**

Wladimir Lima é jornalista há 25 anos, artista visual e cineasta independente. Escreve poemas, contos e crônicas, e somente agora se sente maduro para compartilhar sua produção literária. Sua escrita nasce de uma profunda leitura da alma humana e de suas sombras, sempre guiada por um olhar humanista sobre temas fundamentais como o amor, a morte e a violência.

Um homem mordeu um cachorro. Deu na capa do jornal. Mordeu porque estava, de fato, faminto. Sem emprego, quebrado. Tinha passado a manhã toda numa fila a fim de conseguir uma chance, uma entrevista. Não deu tempo! Uma influencer, ex-modelo, que já havia sido apresentadora de programa infantil e, ultimamente, fazia strip pela internet, interveio e furou a fila. Sentou no colo de alguém sentado num sofá e passou no teste. Para o homem mordido da vida nem sofá havia. Havia uma vila decrepita para a qual voltaria se não houvesse amarrado a mulher nos trilhos do trem e deixado os filhos à míngua à margem da lagoa Mundaú na canoa quebrada à espera de alguém que os avistasse e os levasse para a casa de caridade ou para a creche. Se tivessem sorte. Isso claro se não houvesse mais uma cabeça fincada na estaca a caminho de casa com aquela mesma ladainha de sempre: eu não falo nada porque respeito a lei do silêncio. Que povo educado, tão submisso! As mulheres são umas ladies, confessou só pra si. Os homens eram os alvos preferidos, ainda mais se jovens; melhor ainda se pretos, refletia. As cabeças já faziam parte da paisagem, eram rotina. E ele se acostumou a conversar com as cabeças falantes fabricadas pelos traficantes. Pois, em casa, o papo era insuportável: tá faltando isso, tá faltando aquilo. Faltava era paciência para aquele ser esquisito sem pré-requisitos para ser considerado gente. Mas naquela manhã sentiu um desejo forte de vencer na vida. Tomou até banho, penteou os cabelos e tirou do armário o paletó de naftalina do casamento: um presságio. Chegou cedo na estação, não sem antes amarrar a mulher e abandonar os filhos. Nada naquele dia interromperia sua trajetória de sucesso. A não ser a fila, a sede, a fome e aquele prenúncio de fracasso na certa. E se não desse certo, ele sabia: estava tudo ajeitado. Não era influencer, tampouco modelo. Que programa infantil! Essa vida, qualquer que fosse, não seria a dele. Pensou na ponte. Pensou no prédio. Nenhum remédio havia. Mas vinha rasgando de dentro uma fome descontrolada. Passou no bar e pensou novamente: ainda dava tempo. O trem não havia passado, os meninos ainda estavam alegres provavelmente sem se dar conta da iminente tragédia que se abateria sobre os pobres inocentes. Sentia aquela fome e tinha uma moeda. Desce uma branquinha, que é pra pensar melhor, clamou. Filou um cigarro e lembrou da fila, do riso de Monalisa da influencer, do seu olho de medusa, da saia erguida e do sofá manchado. Bateu, de leve, um breve alívio. Viu tudo claro, curtiu o céu e o mar azul-piscina de Maceió. Mas tinha que voltar pro sal. Pra Fernão Velho, pro mesmo inferno de sempre, lá no barraco do morro do alto de cima. Jurava de pés juntos que morria, mas não voltava de

mãos abanando. Deu o mormaço, deu a febre do rato, deu a morrinha nele, até que num instante de lucidez febril se deu conta de que a esperança latia: era um vira-latas! Até bonitinho, rapaz, pensou com os poucos botões que sobraram no seu terno puído. Um caramelo, que delícia! E escancarou os dentes. Lembrou das cabeças na estaca e se viu numa delas. Estava decidido: era eu ou ele, admitiu, avistando o colega de patas. Um homem mordeu um cachorro. Saiu estampado no jornal, e o homem foi preso. Condenado por maus-tratos aos animais. E nem deu tempo de voltar pra casa. Mas estava satisfeito, de barriga cheia, cara suja e alma lavada. A mulher fora salva dos trilhos por um forasteiro, um carteiro. Um cara até bonito e dono de um ordenado modesto, mas sério. Já os filhos foram encontrados por um casal rico que passeava de lancha e jet ski, ofereceram-lhes um lanchinho e de tão encantados – somando-se ao fato de serem estéreis e já um tanto senis – decidiram em sigilo adotá-los. Nosso herói, tão falado, malfadado e prisioneiro, via o sol nascer quadrado pela primeira vez. Feliz com o que tinha feito e com o que o destino lhe havia guardado: refeição quentinha, servida com hora marcada. Pois é. Nem tudo na vida é desdita, nem tudo do mundo é desprezo, pensou pela derradeira vez. Era bem-vindo ao paraíso de concreto. E ai de quem resolvesse tirá-lo dali. Já havia mordido um cachorro. Longe de seu novo doce recanto, era capaz de ficar com a moléstia!





## CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS  
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

**FIQUE POR DENTRO DO MUNDO DOS LIVROS!**



VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)  
SIGA: [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)  
INSCREVA-SE: [WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)  
E-MAIL: [ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG](mailto:ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG)

**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI**